

Ernesto Lara Filho

**o canto
do martrindinde**

HUAMBO

1964

Ernesto Lara Filho

**o canto
do martrindinde**

HUAMBO

1964

ERNESTO LARA FILHO

**o canto
do martrindinde**

e outros poemas feitos no Puto

ANGOLA

1963

LUCIO LARA

*Para a Aldita
que gostava de ler os meus poemas*

*Ao Lúcio
o da Fazenda Aurora e do Colégio
Alexandre Herculano*

*À Maria da Graça
a voz portuguesa de Rádio Brazzaville.*

*Aos donos do
Terceiro Mundo*

*O Sócrates Dáskalos
A Maria do Céu
O Artur Pestana
O João que era jovem como vós
e Adolfo
e o Avidago que tinha a mania que
sabia umbundu
recordando a minha passagem
por Paris
que todos eles pontilharam
com a sua presença
luminosamente grande*

Dedico

Libre naci y en libertad me fundo.

MIGUEL DE CERVANTES

Vientos del pueblo me llevan,
vientos del pueblo me arrastran,
me esparcen el corazón
y me aventan la garganta...

MIGUEL HERNANDEZ

Viento del pueblo

Há duas espécies de poetas — os
que pensam e que sentem, e os que
sentem o que pensam. A terceira
espécie apenas pensa ou sente, e
não escreve versos, sendo por isso
que não existe.

FERNANDO PESSOA

*Páginas de Doutrina
Estética*

À guiza de prefácio

UMA PÁGINA DE FRANTZ FANON

...Se nós quisermos encontrar através das obras dos escritores colonizados, as diferentes fases que caracterizam esta evolução veremos desfilar diante dos nossos olhos um panorama a três tempos. Numa primeira fase, o intelectual colonizado prova que assimilou a cultura do ocupante. As suas obras correspondem ponto por ponto às dos seus homólogos metropolitanos. A inspiração é europeia e pode-se facilmente ligar estas obras a uma corrente bem definida da literatura metropolitana. É o período assimilacionista integral. Encontraremos nesta literatura de colonizado os parnasianos, os simbolistas e os surrealistas.

Numa segunda fase o colonizado é sacudido e decide lembrar-se. Este período de criação corresponde aproximadamente ao regresso que nós acabamos de descrever. Mas ele mantém relações de exterioridade com o seu povo, contenta-se em lembrar-se. Velhos episódios de infância serão arrancados do fundo da memória, velhas lendas serão reinterpretadas em função de uma estética de empréstimo e de uma concepção do mundo descoberta sob outros firmamentos. Por vezes esta lite-

ratura de pré-combate será dominada pelo humor e pela alegoria. Período de angústia, de doença, experiência da morte, experiência também da náusea. Vomita-se, mas por baixo do nojo, esconde-se já o riso.

Finalmente numa terceira fase, dita de combate, o colonizado, depois de ter tentado perder-se no seio do povo, de morrer com o povo, vai pelo contrário, sacudir, acordar o povo. Em lugar de elogiar a letargia do povo, transforma-se em profeta. Literatura de combate, literatura revolucionária, literatura nacional. No decorrer desta fase um grande número de homens e de mulheres que antes não teriam nunca sonhado fazer uma obra literária, agora que se encontram colocados em situações excepcionais, na prisão, no maquis ou na véspera da sua execução experimentam a necessidade de escrever a sua nação, de compor a frase que exprime o Povo, de se fazerem os porta-vozes duma nova realidade em actos.

.....

.....

O intelectual colonizado entretanto, cedo ou tarde, se dará conta que não se demonstra uma Nação a partir da cultura mas que ela se manifesta no combate que trava o povo contra as forças de ocupação.

FRANTZ FANON
in «Les Damnés de la Terre»

elisa mulata

Quando Elisa, a Mulata
de olhos brilhantes como dendem
veste de negro
seu corpo parece uma escultura quioca
escurecida pelo tempo.

Quando Elisa, a Mulata
veste de negro
e samba sòzinha no mcio da sala
de um *cabaret*
ao som de uma orquestra de mambos
renasce uma rainha
de qualquer noite africana.

Elisa, a Mulata ordinária
de olhos brilhantes da cor do dendem
de corpo brilhante, coleante de cobra
de lábios vermelhos e grossos
parece uma escultura quioca
reminiscência de uma qualquer noite africana
perdida nas minhas noites da Europa.

Rainha
de uma qualquer noite africana.

Elisa
mulata ordinária
Elisa de Luanda
perdida nas noites
de um *cabaret* de Lisboa

Elisa
a que quando veste de negro
parece uma escultura quioca
enegrecida pelo tempo.

Lisboa, 1960

era no tempo dos tamarindos

Era no tempo dos tamarindos.

Meu Pai sempre me acordava p'la manhã
e ia cantando pró quintal
enquanto fazia a barba
debaixo do caramanchão
da buganvília cor-de-violeta.

Era no tempo dos tamarindos.

Zenza Niala vinha entrando na cancela
à cabeça a quinda carregadinha de fruta
sempre cumprimentava minha Mãe:

— «Sápere, Dona!»

Minha Mãe respondia:

— «Olá!»

Ela agachava no chão
destapava a quinda
e por sob as folhas frescas de mamoeiro
mostrava papaias e pitangas saborosas.

Às vezes trazia fruta-pinha e sápe-sápe.

Era sempre o mesmo diálogo.
Minha Mãe: «Chingamim?»

Zenga Niala do chão sorria
mostrava os dentes de marfim
e respondia:
— «Meia-cinco, sinhóra!»

Era no tempo dos tamarindos

E havia «bigodes» e «bicos de lacre»
cantando nas acácias do quintal.

Depois Zenga Niala ia embora,
as ancas baloiçando
a quinda na cabeça.

Era no tempo dos tamarindos em flor.

*Publicado no Jornal ABC — diário de Angola
de 6 de Setembro de 1960*

aos poetas do norte

*Mensão honrosa do Concurso Literário
da Sociedade Cultural de Angola em 1961*

A paisagem do Norte está completamente destruída
os ódios acenderam chamas nos clarões das queimadas
o fumo negro dos incêndios subiu aos céus
e tornou as nuvens negras, mais escuras, mais sombrias.

AGORA JÁ SÓ NOS RESTA UMA DESOLAÇÃO
IMENSA.

Nas margens dos rios
os corpos cansados de lutar
debruçam-se para mitigar sedes infindáveis
e voltar para a luta sem tréguas dos ódios das raças.
Nas margens dos rios
os membros mutilados
os corpos trucidados
deixam escorrer o seu sangue
pelas linhas de água.

AGORA SÓ NOS RESTA UMA TRISTEZA IMENSA.

O capim regado com o sangue das crianças
o capim regado pelo sangue dos que têm

«fome e sede de justiça»

O capim regado pelo sangue dos-que-não-tiveram-culpa-
-nenhuma

O capim escurecido pelo fogo das queimadas

O capim verde do pasto dos gados

reverdecerá amanhã mais forte

no cacimbo de muitas madrugadas.

E haverá lavras e campos para todos

E haverá pastos para todos os gados

A terra será novamente prenhe

Teremos que ver goiabas e loengos nas bocas rubras
de todas as crianças.

Nos ramos das árvores destruídas pelo fogo

Nos troncos das árvores queimadas pelo fogo

os rebentos verdes surgirão um dia

como um grito, como um grito

pujante

um grito avassalador

que vare uma a uma as florestas impenetráveis do
Norte

um grito atroador

E A MINHA TERRA SERÁ LIVRE, ENFIM!!!

AGORA SÓ NOS RESTA UMA ANGÚSTIA
INFINDA!

Luanda, 1961

dondo

Passeios antigos
muros em ruínas
rostos amarelos
e a sombra das acácias.

Rua Oliveira Massango
era negreiro
mas a vereação municipal chateada
com os acontecimentos internacionais
com os ataques de que foram alvo na ONU
vai propor que aquela rua
cheia de encanto e poesia
se passe a chamar:

Rua do Almirante Fulano de Tal...

Passeios antigos
casas em ruínas
muros com cacos de vidro
rostos amarelos
telhados de zinco
cinzentas mafumeiras
secos imbondeiros.

Grupo da Mangueira. O enfermeiro do hospital de bata branca é o regente principal da marcha que canta a Nossa Senhora da Muxima, interpretação diferente da do N'Gola Rítmos.

Piangó.

Pi — an — gó!

Máma-ué...

Oiço canções antigas
de escravos
em noites antigas
escuras.

O Mercado

Ah, o Mercado Municipal

com quiabos pelo chão em montes de «cada cinco'estões»

manginhas frescas

cajás e ananáses

batata doce

gingílu

óleo de palma

e bagos de dendem.

Verifica-se que o Mercado Municipal não é orientado a partir do Terreiro do Paço. Nasceu assim e assim vive. Natural como as coisas naturais. Por isso é belo. Por isso tem poesia.

Caminhos da minha terra
Rua Oliveira Massango
sombrias de acácias rubras
casas em ruínas
muros de adobe com cacos de vidro
telhados de zinco
(ah, os telhados de zinco da minha infância onde eu
atirava pedras que faziam tébéi, tébéi, tébéi e vinham
rolando por ali abaixo...)
camionetas que passam pra Luanda
carregadas de fuba de bombó.

Ah! Meu velho Dondo antigo
aguarela de tradições
farrapos da história
de muitas colonizações.

Donde
onde alguém vai propor um dia
que aquela rua do Mercado
cheia de encanto e poesia
se passe a chamar... Rua do Almirante Fulano
de Tal...

Dondo
deixo-te adormecido
nas eras
e parto para Cambambe.

quando eu morrer

*para o Aniceto Vieira Dias
e «Liceu» de «N'Gola Rítmos»*

Quando eu morrer
eu quero que o N'Gola Rítmos
vá tocar no meu enterro.

Como Sidney Bechet
Como Amstrong
eu gostarei de saber
que vocês
tocaram no meu enterro.

Lá no céu também há «angellitos negros»
e eu gostarei de saber
que vocês
me tocaram no enterro.

Se não puder ser
deixem lá
tocarão noutro lado qualquer
com lágrimas nos olhos
como naquela noite

em casa do Araújo
lembrarão o companheiro
das noites de Luanda
das noites de boémia
das tardes de moamba.

Ah! Quando eu morrer
já sabem
quero que o meu caixão
vá no maximbombo da linha do Cemitério
quero que toquem
a Cidralha
ou convidem a marcha dos Invejados

É assim que eu quero ir
acompanhado da vossa alegria
bebedeiras seguindo o enterro
as velhas carpideiras de panos escuros
quero um kombaritókué dos antigos
vai ser muito falado.

Não convidem mulatas
que sempre que estragam tudo
se vierem
não lhes vou rejeitar
cantem apenas
alguns dos meus poemas
até enrouquecer.

Ah! Quando eu morrer
eu quero o N'Gola Ritmos
tocando no meu enterro.

Huambo, 1961

*Publicado no Jornal de Angola
de 31 de Julho de 1961*

dongo

Passa um dongo no mar
tem uma vela branca
é um raio de luz
nesta alma franca.

Passa a bolinar
suavemente
vem da Ilha do Mossulo
brandamente.

Por entre acácias sonhadas
vejo-o desaparecer
caem as sombras escuras
do entardecer.

Oiço ritmos estranhos
nos ventos deste mar
fico sòzinho, absorto
a sonhar, a sonhar...

Lisboa, Janeiro de 1962

exortação

para Alda Lara

Sobre o desgosto de te ver tombar
Irmã
Recomecei a construir
os alicerces
daquele saparalo grande
onde tínhamos sonhado viver um dia.
Uma Casa Grande
Como a da Fazenda Aurora
com varandas ornadas de buganvílias
e um quintalão onde eu plantaria
com as minhas mãos e sob o teu sorriso
araçás, acácias e mangueiras.
Um quintalão que fosse grande
como os quintais da nossa Benguela
com goiabeiras, tamarineiros e sombras de palmeiras
onde os teus filhos bricassem sempre unidos
como nós dois o fomos.

E havíamos de viver nessa casa sempre juntos,
distantes das desilusões da juventude
distantes da maldade dos homens
das perseguições mesquinhas
sempre unidos
como só nós os dois o fomos.

Nosso saporálo

Irmã

havia de ser um refúgio de peregrinos
descanso de caminantes
que andam por todos os caminhos
um porto seguro
onde se embriagassem de poesia
marinheiros de todos os barcos
onde ancorassem os navios que trazem os cascos sujos
com algas de outros mares

Nosso saporálo

Irmã

Haveria de recolher mendigos de todas as estradas
Haveríamos de sarar ali as feridas
dos vencidos
mitigar a sede dos sedentos
dos perdidos
Homens cheios de todas as dores
Homens de todas as cores
empurrados
pelos ventos desencontrados
de todos os rumos.

II

Sobre o milagre da tua morte
Irmã
esse mussibe grande e frondoso
que tu eras
e eu senti tombar
ferido por um raio das nossas tempestades
plantarei estacas lado a lado
encostadas ao que ainda me ficou
encostadas ao que ainda temos
ao que ainda vemos
pedra a pedra
nosso saparáo levantemos.

Sobre a grande mágoa de perder-te
Irmã
recomeçarei a caminhada
esta lenta e tenebrosa caminhada
Hei-de vencer! Hei-de lutar!
Podem ferir-me! Podem magoar-me!
Podem pisar-me! Podem esmagar-me!
Podem calar-me! Podem matar-me!

Podem!

Sòzinho
Renascerei cada vez mais forte
pensando em ti
Amanhã

todos os dias
me poderás encontrar
no cacimbo (*) que branqueia os capins
de todas as madrugadas
nos buracos de todas as estradas
no final das grandes caminhadas...

*Publicado no Jornal «SUL» do Lobito — Angola
Lisboa, Fevereiro de 1962*

(*) Garôa, orvalho da noite.

nós iremos, nós também

*«Nous irons, nous aussi,
nous irons planter des manguiers
sur la lune»...*

un congolais

Nós iremos, nós também
Nós iremos plantar mangueiras
na Lua...

Nós iremos, nós também
Minha Mãe
Com as nossas amarguras
Com os nossos sofrimentos
nossos lutos e tristezas
Iremos, também
plantar mangueiras
na Lua...

Nós iremos, nós também
Nós iremos plantar mangueiras
na Lua...

Nós iremos, nós também
Minha Mãe
Com as nossas alegrias
Com as nossas ambições
Com as nossas madrugadas
Com as nossas noites claras
nossas chanas e anharas
nossos rios e montanhas
nossas lagoas e mares
Nós iremos, nós também
plantar mangueiras
na Lua...

Nós iremos, nós também
Nós iremos plantar mangueiras
na Lua...

Nós iremos, nós também
Minha Mãe
pisando o capim queimado
pisando a areia das praias
atravessando os desertos
caminhando pelas lavras
e derrubando florestas
Nós iremos, nós também
plantar mangueiras
na Lua...

Nós iremos, nós iremos
Nós iremos, nós iremos...

Nós iremos, Mãe
com o canto dos nossos pássaros
atravessando as senzalas
as plantações de tabaco
as plantações de sisal
as plantações de café
comendo amendoim
fuba amassada dos dias
nos anos de sofrimento
mandioca deste chão
Nós iremos, minha Mãe
plantar mangueiras na Lua...

Nós iremos, nós também
plantar mangueiras
na Lua...

Nós iremos, nós também
com as cubatas de adobe
com os bairros, os mucques
com o lume das fogueiras
com as águas infectadas
das baixas lodacentas
com a carne palpitante
das palancas de Malange
com os lábios grossos
dos africanos que nos servem
com as carapinhas rebeldes

das velhas lavadeiras
com os panos pretos
das velhas carpideiras

Nós iremos, nós também
Nós iremos plantar mangueiras
na Lua...

Lisboa, Abril de 1962

infância

para o Camariangue

Lembras-te, Ungueta
de quando íamos os dois de bicicleta para a Praia
Morena
Ver o sol morrer no Sombreiro?

Lembras-te, Ungueta
de quando íamos os dois de bicicleta comprar cachos
de banana no Cavaco?

Dona Adclina ficava em casa fazendo goiabada
ou compota de loengos
Aldinha ia para o Colégio das Madres Doroteias
e eu ia contigo pedalar pela cidade.

Pai
Porque me deixavas sòzinho por vezes naquelas tardes
lendo as aventuras de Sandokan
no longo armazém da nossa loja?

Na voz que os dois tivemos
Na voz que se perdeu
Nunca mais ninaste o teu filho doente
Nunca mais acordaste teu filho de manhã para tomar
café.

Nestinho partiu
Sempre aquele desejo de andar contigo
e se perdeu.

Pai
porque me mandaste para a Europa estudar?
Não sabias que eu havia de sangrar de saudade?
E eram as tuas cartas
E eram as minhas recordações de menino de bicicleta
da Praia
menino-capitão dos assaltos às hortas do Caváco
menino-passeador até ao Chinducuto
fugindo do Colégio nas calçadas europeias
Almirante Reis abaixo
fugindo decabalmente de Dona Virgínia
professora que andava sempre constipada
Eu — que tanto gostava de sujar os pés nas areias
cheias de salitre
da Praça Salazar
Eu — que tanto gostava das amendoeiras do Largo da
Peça
Eu — que tanto gostava de apanhar martrindindes no
baldio do Hospital
Eu — que tanto gostava de jogar bola de trapos

com o Miáu, o Pila, o Horácio, o Wilson, os Moreiras,
que foram todos campeões
Nem isso me deixaste ser, meu Pai,
Nem isso o que eu mais desejava — ser campeão de
futebol
como meus irmãos mulatos
que fizeste no ventre da Diana, a velha negra
que ainda está viva e mora na casa de adobe que fica
no caminho
da Escola
da Liga
e que me trata de kasule — ainda! — quando eu a
visito...

Pai
como foste castigado por tanto alheamento
como eu te perdoei tudo quanto me fizeste
mas como tudo se me marcou na carne
profundamente
sangrentamente
como eu nunca quisera tivesse acontecido.

Café gostoso de manhã quando me acordavas
Era bom chamar o Candeeiro ou o Buck cozinheiro
e pedir o café de cigarro — eu ainda não fumava
cigarro —
depois ouvir Rádio Brazzaville
noticiário da manhã — que dava notícias objectivas
como dizia o Pereira da Silva.

Paizinho

volta a esses tempos pela minha mão
volta terno e meigo como quando me afagavas — eu
doente

impaludado ou cheio de icterícia
curada com xandala
volta, nem que sejas violento como quando me batias
impiedosamente
mas volta

inteiro e integral como eu te conheci sempre
como aprendi a amar-te
a ti e à minha terra
que adoravas tanto

volta a falar umbundu como os antigos africanos de
Benguela

Mas volta, volta para que nada se quebre
nada. Nem o perfume dos nossos quintalões.

Volta para conversar um pouco na cancela da loja
com o Doutor Simões do Amaral
que lutava contra as meningites dos bairros africanos
contra a filária dos contratados
contra o erezionamento de todos os africanos que nos
deram

— ou a quem roubámos? —

O seu trabalho, o seu suor, as suas canções, as suas
rebitas,
os seus batuques, os seus lamentos, as suas alegrias
e por vezes até
as suas irmãs para a cama

as suas mãos para nos lavarem as roupas naquelas
celhas
que eram barris cortados ao meio
barris que vinham do Puto carregados de vinho
barris com aduelas
barris de onde fizeram os cercados das casas
de mucéque
casas dos bairros africanos
empurradas pela cidade de cimento armado
lá para longe
cada vez mais longe.

Ungueta
quando é que vamos voltar a pedalar
pelas avenidas longas e floridas da nossa Benguela?

Eu já sabia nesse tempo, velho Lara
que a tua história
que a minha história
a nossa história
era muito mais bonita do que as aventuras de San-
dokan

de Emílio Salgari
mesmo mais bonita
do que as histórias que nos contam agora
de todos aqueles que lá fora ou cá dentro
duvidam de nós
do nosso amor intenso e acrisolado
aos dois palmos de terra que temos na Terra

lá no Dondo — uma campã onde ficou um pouco de
nós
de mim e de ti
da família
de tudo o que nós amamos
o que nós amamos
e amaremos sempre
tranquilamente
como quando pedalávamos pelas avenidas
floridas
da Benguela de antigamente.

Paris, Agosto 1962

olhar para os nossos amanhã's

Olhar para os nossos Amanhãs
Olhar em frente e caminhar para eles.

Olhar para os nossos Amanhãs
renunciar a tudo o atrás ficou
deixar farrapos de recordações
enterrados na lama dos caminhos já pisados
e caminhar em frente
Sem desesperos nem angústias infundáveis
caminhar, caminhar sempre de olhar bem fixo noutros
astros

o ritmo nas passadas
em grandes madrugadas
o peito levantado para um porvir distante
desejando aquilo que quisermos alcançar.

Olhar para os nossos Amanhãs
E de cabelo ao vento
construir a vida com os ramos que ficaram
das árvores destruídas pelo fogo das queimadas.

Olhar para os nossos Amanhãs
e de olhos secos no fragor das lutas
esquecer, esquecer tudo o que atrás ficou
Olhar sempre em frente no caminho das estrelas
Olhar sorrindo e rindo ao mesmo tempo
Olhar sempre e caminhar para os nossos Amanhãs.

Olhar em frente os ramos verdes que renascem
os troncos das raízes já com seiva
esperar esperando sempre pelas chuvas
que o Amanhã trará com um fragor enorme
vendo passar estes dias espectrais.
Olhar para as flores vermelhas em grinaldas colossais
atapetando os caminhos do Futuro
e enfeitando as agrestes caminhadas
onde construiremos os Nossos Grandes Amanhãs.

Bruxelas, 18 de Novembro 1962

pergunta

para meu Pai

Tu
Que lá em Benguela
Tinhas saudades do Minho
expressas
em todos os teus olhares saudosos
em todas as conversas

Tu
que sempre recordavas lá tão longe
a tua terra distante
o teu Portugal de Menino

Porque
Meu Pai
Me negas o direito simples
de amar a minha terra
A minha Angola
porque me negas todos os dias
a todas as horas
o direito sagrado

de ter saudades da minha terra
de olhar com os olhos embaciados
mas contentes
de escrever longas cartas inconsequentes
de ter longas conversas melancólicas
sobre a minha terra desflorada
a minha Angola adiada?

Serei poeta também
adiado como a minha terra
eu negarei Pai e Mãe
pela minha terra
três vezes como Pedro
o apóstolo
negou Cristo
três vezes antes do galo cantar
no raiar da madrugada.

*Menção honrosa in «Martrindinde
do Casséque» no Concurso Literário
da Casa dos Estudantes do Império
— Prémio Alexandre Dáskallos —
Lisboa, 1962*

o canto do martrindinde

O Canto do Martrindinde
é um canto da cidade
vem pela noite adiante
cheio de ambiguidade.

O Canto do Martrindinde
é cantar nacional
veio do mato à cidade
e tornou-se universal.

Nova-Lisboa, 26 de Dezembro
de 1963

um poema do ciclo vegetal

Tio José:

É Natal e queria dedicar-lhe um poema,
um poema

que falasse do seu amor às papaeiras, videiras, pal-
meiras,

pitangueiras

do seu quintalão de Benguela;

um poema

que dissesse bem claramente

que foi você quem me ensinou a amar as papaias do
seu quintal

as papaias de todos os quintalões de Angola.

Eu fazia trombetas —

nós todos, meninos, fazíamos trombetas —

com os ramos ocos

como ensinou o Pinhocas.

Gostávamos de golpear

impiedosamente

os troncos dos mamoeiros

e ver correr o branco leitoso

o látex das feridas
que hoje é como se fossem,
no nosso pensamento,
trancos humanos
sangrando, sangrando, sangrando...

Lembro-me, Tio José,
disso tudo.

Até das flores brancas
com que as papaeiras se vestiam
para anunciar o noivado, o casamento.

Tio José:
eu espero

— Nós esperamos.

Huambo, Dezembro de 1963

Composto e impresso nas oficinas
gráficas da Editorial Minerva
Rua da Alegria, 30 — LISBOA

O canto do martrindinde
é um canto da cidade
vem pela noite adiante
cheio de ambiguidade.

O canto do martrindinde
é um cantar nacional
veio do mato à cidade
e tornou-se universal.

Huambo, 1963

O canto do martrindinde
é um canto da cidade
vem pela noite adiante
cheio de ambiguidade.

O canto do martrindinde
é um cantar nacional
veio do mato à cidade
e tornou-se universal.

Huambo, 1963

989 7

Ⓜ